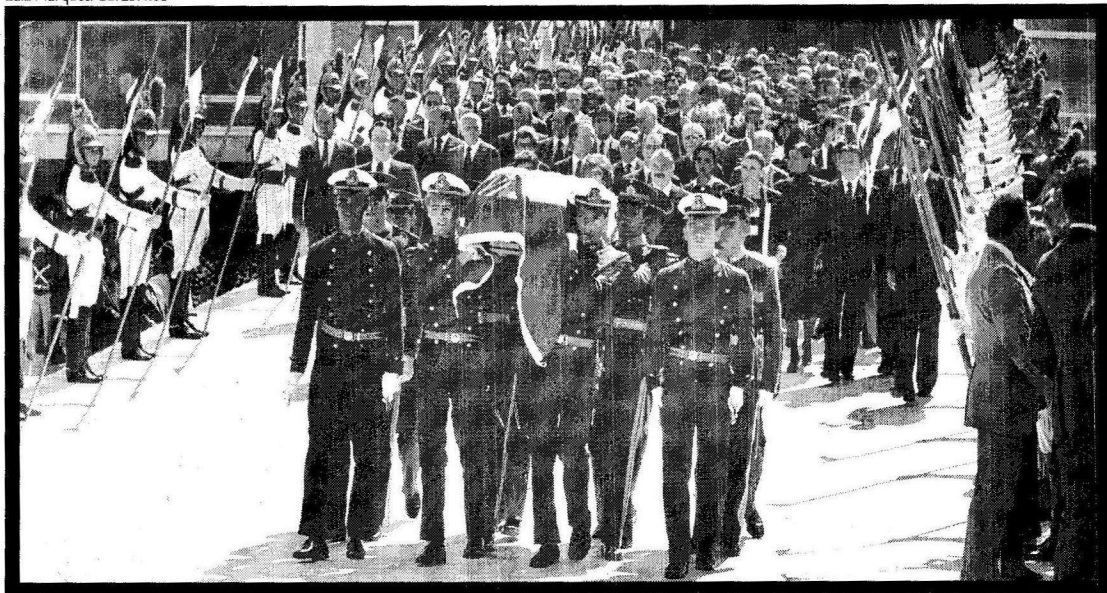


POLÍTICA

TANCREDO NEVES, Tancredo

Há 20 anos, morria o homem que sacrificou sua vida para libertar o país do jugo da ditadura militar

Luiz Marques/CB/23.4.85



SOMENTE MORTO, TANCREDO CHEGOU À RAMPA DO PALÁCIO DO PLANALTO: IMOLAÇÃO EM FAVOR DE SEU PAÍS

Conspiração pela democracia

ISABELLA SOUTO E
PATRICIA ARANHA

DO ESTADO DE MINAS

"Preservai sempre viva e forte a Justiça nos tribunais, a liberdade na política, a coragem e o civismo nos parlamentos, a probidade na administração, a verdade na imprensa e o direito em todas as decisões. Afastai dos homens a corrupção que degrada, a violência que animaliza, a torpeza que infama e todos os tipos de indignidade que os aviltam."

O trecho é de uma oração que o próprio Tancredo Neves escreveu e será a mensagem de seu neto, o governador de Minas, Aécio Neves, na solenidade hoje em São João Del Rei, em lembrança dos 20 anos de sua morte. Na oração que escreveu, Tancredo pedia bênçãos aos políticos, rogava para que não houvesse corrupção, pedia justiça e civismo. E liberdade e conciliação entre os homens públicos. Está era uma de suas principais características, como destaca o governador Aécio Neves, que foi seu secretário particular na época da construção da Nova República. "Tancredo tinha características que não mais são lembradas. Era um grande conciliador, foi o articulador da transição, pela qual deu a própria vida, mas foi um homem de grandes gestos de coragem pessoal", conta. Aécio cita, por exemplo, o único voto contra Castelo Branco, logo depois do golpe militar de 1964, apesar da amizade pessoal que Tancredo tinha com o general que virou presidente da República.

Católico fervoroso, Tancredo fazia questão também de copiar a Oração de São Francisco, em papel que andava sempre no seu bolso e era substituído à medida em que ficasse gasto. Segundo Aécio, a oração funcionava como um amuleto. "Achava que isso dava a ele energia", revela. A oração de São Francisco fez companhia a Tancredo nos momentos que antecederam a sua internação, no Hospital de Base de Brasília. Da última vez que foi à igreja, um dia antes da internação, na missa na catedral Dom Bosco, tirou o papel do bolso pelo menos duas vezes e leu, como conta o governador Aécio Neves.

Vítima

O amuleto, no entanto, não conferiu a Tancredo energia suficiente para escapar do calvário a que foi submetido após a internação. Vinte anos depois de sua morte, fica cada vez mais claro que Tancredo Neves foi vítima de uma espécie de conspiração não combinada em nome da democracia. Uma conspiração da qual ele mesmo participou. Tancredo tinha informações seguras de que os militares não dariam posse a seu vice, José Sarney, considerado um traidor por ter deixado a presidência do partido governista — o PDS — para aderir ao movimento que derrubou a ditadura militar. Já há alguns meses, Tancredo sabia que sofria de um processo infeccioso, que combatia com antibióticos. O presidente eleito imaginava ser capaz de adiar seu tratamento para depois de sua posse.

Se, por um lado, Tancredo imaginou ser mais forte que a

natureza, por outro lhe foi negado conhecimento sobre seu real estado de saúde. Seu médico particular, Renault de Mattos, lhe dissera que a infecção era consequência de uma apendicite, hipótese bem menos grave que as duas mais prováveis para um homem da sua idade: uma diverticulite, como erradamente se diagnosticou, ou um tumor. Esta última, a verdadeira doença que acometia o presidente.

Na véspera da posse, no dia 14 de março, Tancredo não agüentou mais enganar o processo infeccioso com remédios. Foi obrigado a se internar. O diagnóstico inicial era de diverticulite, uma inflamação a partir de um estrangulamento intestinal. Mas o que os médicos retiraram do corpo do presidente eleito foi um tumor, benigno. A partir daquele momento, o verdadeiro mal que acometia Tancredo Neves não era mais segredo nem para seus médicos nem para a sua família. Mas continuaria sendo negado ao restante da população.

Retirado, o tumor foi mostrado a dona Risoleta Neves e a outros parentes do presidente, na suíte presidencial do hospital. "Como é grande. Não pensei que fosse deste tamanho", comentou dona Risoleta. Além dos médicos, a família também sabia que Tancredo não poderia ser tratado como um paciente qualquer. Quando, em 17 de março, Renault disse à imprensa que suspeitava de uma pneumonia, Dona Risoleta foi seca. "Doutor Renault, o senhor fez muito mal em alarmar a nação", disse, pedindo para que isso não se repetisse.